

## Os trabalhadores das praias de Arraial do Cabo, RJ: um olhar a partir do território turístico

### *Workers on the beaches of Arraial do Cabo, RJ: a look at the tourist territory*

Juliana Carneiro<sup>1</sup>

Aguinaldo Cesar Fratucci<sup>2</sup>

---

Este artigo foi recebido em 03 de MAIO de 2018 e aprovado em 17 de OUTUBRO de 2018

---

**Resumo:** O turismo, como fenômeno socioespacial complexo, concretiza-se pela prática social dos agentes produtores. Cada indivíduo e/ou grupo social têm processos de territorialização específicos geradores de territórios distintos que, ao serem observados em sua totalidade, resultam no território do turismo. Com base em pesquisa realizada em duas praias de Arraial do Cabo, neste artigo, propõe-se a analisar os processos de territorialização dos trabalhadores presentes nessas localidades, uma vez que tais praias são atrativos turísticos de uso intensivo e, por isso, é fundamental observar de que forma indivíduos e grupos apropriam-se do espaço. A pesquisa teve caráter exploratório, cuja técnica de coleta de dados deu-se com a aplicação de entrevistas semiestruturadas na praia dos Anjos e na praia Grande. De um modo geral, os trabalhadores presentes às praias são vendedores ambulantes, proprietários/empregados dos quiosques, pescadores e funcionários da Prefeitura Municipal. Suas dinâmicas territoriais mostram-se complexas, uma vez que os trabalhadores podem ser vinculados direta e indiretamente ao setor turístico, ou não terem nenhuma relação com o turismo, à primeira vista, fator que interfere em suas lógicas funcionais e simbólicas do território.

**Palavras-chave:** território turístico, trabalhadores do turismo, multiterritorialidade, Arraial do Cabo, RJ

**Abstract:** Tourism as a socio-spatial phenomenon materializes from the social practice of its producing agents. Each social group or individual has specific territorialization processes that generate distinct territories that, when observed in their totality, result in tourism territory. Based on research carried out on two beaches in Arraial do Cabo, this article proposes to analyze the processes of territorialization of the workers present in these localities, since these beaches are tourist attractions of intensive use and, therefore, observe how the individuals and groups take ownership of space is paramount. The research was exploratory, whose data collection technique was based on the application of semistructured interviews in Praia dos Anjos and Praia Grande. In general, the workers present on the beaches are the street vendors, owners or employees of the kiosks, fishermen and employees of the City Hall. Their territorial dynamics are complex, since workers can be directly and indirectly linked to the tourism sector, or have no relation to tourism at first sight, a factor that interferes with their functional and symbolic logics of the territory.

---

<sup>1</sup> Informações do autor:

**Formação/curso:** Mestre em Turismo. **Instituição:** Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói – RJ, Brasil. **E-mail:** julianacarneiro@id.uff.br

<sup>2</sup> Informações do autor:

**Formação/curso:** Doutor em Geografia. **Instituição:** Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói – RJ, Brasil. Professor Associado do Departamento de Turismo da FTH UFF e Coordenador do PPGTUR UFF. **E-mail:** acfratucci@turismo.uff.br

**Key words:** tourism territory, tourism workers, multiterritoriality, Arraial do Cabo, RJ

## **1. Introdução**

O fenômeno do turismo, por meio das práticas sociais de seus agentes, (re)produz-se e consome o espaço por eles apropriados, tornando-os territórios turísticos. Nesse olhar, propõe-se entender o turismo como fenômeno socioespacial e não somente como atividade econômica, uma vez que ela é resultado do acontecer do fenômeno e, por isso, não deve ser estudada, ordenada e planejada de forma separada dele (FRATUCCI, 2008). Diante disso, a busca da compreensão e do ordenamento desses espaços deve incluir, além das variáveis oriundas das ações dos agentes sociais do fenômeno turístico, também as interações estabelecidas entre eles e deles com outros sistemas que formam o metassistema em que se inserem (FRATUCCI, 2008; 2014).

Ao assumir que os agentes sociais agem na produção do espaço apropriado pelo e para o turismo, os trabalhadores do turismo local, à primeira vista, relacionam-se com o espaço urbano como mão de obra da atividade econômica que ali ocorre. No entanto isso não impede que o olhar seja proposto de forma a considerar outras variáveis da realidade, como o meio em que os trabalhadores estão inseridos. É necessário reforçar que o espaço apropriado pelo e para turismo é maior que os territórios do turista (FRATUCCI, 2014), e, por isso, os estudos do turismo e as pautas do Poder Público não devem restringir-se a ações, interesses e motivações do agente turista.

Com base na pesquisa realizada em duas praias do município de Arraial do Cabo, propõe-se a analisar os processos de territorialização (HAESBAERT, 2004) dos distintos trabalhadores presentes naqueles ambientes litorâneos, uma vez que aquelas praias são atrativos turísticos de uso intensivo, compondo o território turístico do município. Dados e informações aqui apresentados são um recorte de uma pesquisa maior cujo objetivo geral foi descobrir os processos de apropriação espacial dos moradores e visitantes presentes às praias dos Anjos e Grande, tendo como premissa as categorias de análise espacial de Milton Santos (1985): processos, funções, formas e estruturas, e suas inter-relações (COSTA, 2015). Na amostra obtida dos moradores, 70% dos entrevistados declararam estar na praia a trabalho, resultado que se mostrou bastante expressivo e instigador e justificou o novo recorte ora apresentado.

Além disso, os trabalhadores ainda não ocupam um papel central nas discussões de políticas públicas de turismo no Brasil. À primeira vista, esse fato pode estar relacionado com o descaso para a dimensão espacial das políticas públicas do setor no País, ao ignorar-se o caráter social do fenômeno (FRATUCCI, 2014). As pesquisas científicas no País também caminham a passos curtos sobre essa temática. Fundamentada em uma revisão bibliográfica, notou-se que, em nenhuma publicação, se aborda de maneira central a relação dos trabalhadores com o espaço urbano apropriado pelo turismo, de forma a

considerar seus processos de territorialização e (re)produção espacial. Por isso, dada a importância do tema e da abordagem, ao reconhecer-se que, atualmente, o espaço apresenta-se multiterritorial, com alto poder de (re/des)territorialização (HAESBAERT, 2004), analisarem-se os processos de territorialização dos trabalhadores mostra-se fundamental.

O território como categoria de análise geográfica permite a melhor compreensão desse jogo de ações dos agentes com o sistema em que estão inseridos (FRATUCCI, 2014). O território tem em si caráter problematizador, uma vez que os conceitos, de um modo geral, não devem ser vistos apenas como respostas, mas como questões postas à realidade (SANTOS *apud* HAESBAERT, 2014). O conceito revela o já dado, o já produzido e, ao mesmo tempo, indica um caminho, uma conexão (ou uma série de conexões), um devir. Utilizar o conceito e/ou categoria leva a direções e maneiras de observar a realidade de acordo com as correntes filosóficas defendidas, e, por isso, a importância da clareza dos aportes teóricos escolhidos por meio da problemática do real (HAESBAERT, 2014).

Para o alcance de tal objetivo, neste trabalho, abordam-se, no marco teórico, temas que perpassam discussões sobre território, turismo e, mais especificamente, sobre praias e trabalhadores (HAESBAERT, 2004, 2014; FRATUCCI, 2008, 2014; RODRIGUES, 2006; MENDONÇA, MORAES e COSTA, 2013). Posteriormente, expõe-se uma breve contextualização de Arraial do Cabo e de seus processos socioeconômicos. Na terceira sessão, apresenta-se a discussão dos dados no campo, obtidos à luz das reflexões inicialmente levantadas, entendendo que o espaço apropriado pelo e para o turismo, no recorte das praias do município, apresenta territorialidades de diferentes categorias laborais, que se mostram vinculadas, direta, indiretamente ou sem nenhuma relação (a princípio), com o turismo.

## **2. Território turístico**

De um modo geral, o espaço antecede o território, visto que o espaço representado torna-se território, pois alguém se apropriou dele (RAFFESTIN, 1993), e, por isso, o território deve ser observado na multiplicidade das manifestações e dos poderes, nele incorporados, por meio dos múltiplos sujeitos envolvidos (HAESBAERT, 2004).

O território, como categoria de análise, é composto pelas dimensões funcionais e simbólicas. O território é funcional, especialmente pelo papel como recurso (basicamente recursos naturais, matérias-primas). Já pela óptica simbólica, ele está relacionado com a identidade, não só do ter, mas também do ser. Essas dimensões nunca se manifestam em estado puro, isoladamente, uma vez que todo território funcional apresenta sempre alguma carga simbólica, e todo território simbólico dispõe sempre de algum caráter funcional, por menos explícito que seja. Então, os estudos dos processos de territorialização devem levar em consideração as duas dimensões, concomitantemente (HAESBAERT, 2004).

Entendendo que esses processos de territorialização (de dominação e/ou apropriação do espaço) (LEFEBVRE, 2006) variam (muito) no decorrer do tempo, o conceito de território, agora complexificado, desdobrou-se em outras variações: como territorialização (o processo de criação de um território), desterritorialização (a destruição dos vínculos territoriais) e, ainda, a reterritorialização (a *adequação* a um novo território) (HAESBAERT, 2014).

Com esses processos de abertura e fechamento de territorialidades mais intensos, dinâmicos e voláteis, Haesbaert (2004) prefere falar não simplesmente em desterritorialização, mas em multiterritorialidade. Nos processos de territorialização, muito mais do que perdendo ou destruindo territórios, atualmente, vivenciam-se muitas vezes a intensificação e a complexificação de um processo de reterritorialização muito mais múltiplo e multiterritorial. É possível observar diversos movimentos complexos de territorialização, com múltiplas formas de organização territorial, que incluem a vivência concomitante de diversos territórios ou mesmo a construção de uma territorialização no e pelo movimento (HAESBAERT, 2004).

E é nesse sentido que Rodrigues (2006), ao tratar sobre o fenômeno do turismo, afirma que o território turístico resulta da prática turística — ao mesmo tempo em que a concretiza, é transformado por ela, por meio de um processo dialético de desterritorialização e reterritorialização, perpassando a multiterritorialidade. O território turístico é um espaço dominado e/ou apropriado que assume um sentido multiescalar e multidimensional que só pode ser devidamente apreendido em uma concepção compósita, ou seja, de multiterritorialidade.

Os territórios sobrepõem-se subjugados a novas temporalidades, e o resultado é que nada será como antes, considerando-se que a dinâmica territorial é sempre criação e recriação de territorialidades. Nesse contexto, todos os sujeitos do fazer turismo “são envolvidos em relações sociais complexas que modificam de forma dialética o território que se transforma no seu todo ou em partes, o que igualmente irá produzir a transformação do todo” (RODRIGUES, 2006, p. 301). A realidade apresenta-se pela convivência e disputa de distintas territorialidades, por meio da ocorrência de um eterno devir nos espaços apropriados, com base em lógicas específicas, nem sempre convergentes. Essa possibilidade de multiterritorialidades gera, por sua vez, a multiplicidade de funções coexistindo no mesmo território (MASSEY, KEYNES, 2012 *apud* FRATUCCI, 2014): no território do turismo.

Assim, em um mesmo trecho do espaço, ocorrem diversos processos de territorialização que se superpõem, compondo o território do turismo, que é resultado da produção do espaço de cada agente social responsável pelo fenômeno turístico, a saber, os turistas, os agentes do mercado, o Poder Público, a população local dos destinos turísticos e os trabalhadores da atividade (diretos e indiretos). Os trabalhadores diretos são agentes sociais que têm no turismo o meio principal de obtenção de renda para sobrevivência, podendo ser informais e formais. Já os trabalhadores indiretos têm importante função no

turismo de um destino, pois, graças à complexidade da cadeia produtiva do turismo, os efeitos multiplicadores geram grande número de empregos e ocupações indiretas. Porém, por não depender exclusivamente do turismo, nem sempre percebem sua importância na participação da produtividade do sistema turístico local (FRATUCCI, 2008).

## **2.1 Turismo, praia e seus trabalhadores**

No Brasil, com a criação do Ministério Brasileiro de Turismo (MTur), em 2003, os elementos sol e praia foram institucionalizados como segmentos de mercado do turismo. Na *Cartilha de orientações básicas sobre o turismo de sol e praia* (BRASIL, 2010), o MTur reconhece que, além das distintas características físicas e geográficas das praias, os destinos de sol e praia diferem no processo de desenvolvimento ao longo do território. Isso se dá pelo fato de comportarem distintas atividades socioeconômicas locais, ocasionando alterações na dinâmica de uso e ocupação espaço-temporal. As praias seriam *espaços de multiusos*, e, por isso, os processos de planejamento e gestão dessas áreas deveriam estar em consonância com a realidade vivida de cada localidade (BRASIL, 2010, p. 17).

Concordando com tal proposição de compartilhamento dos espaços físicos das praias, Mendonça, Moraes e Costa (2013, p. 375) afirmam que os ambientes litorâneos são exemplos da estratégia utilizada a fim de comercializar diversos destinos turísticos brasileiros para diferentes públicos, o que acarreta *múltiplos usos da água*. Esses espaços são reconfigurados socioambientalmente. Antes, de acordo com a dinâmica de cada localidade, eram formados, essencialmente, por ranchos, barcos de pesca, ancoradouros, pequenos estaleiros, residências; observa-se, então, um processo de inserção de outras atividades, estabelecimentos e ocupações ligadas ao comércio e ao turismo (MENDONÇA, MORAES e COSTA, 2013).

Regiões litorâneas, originalmente ocupadas por indígenas, pescadores e comunidades tradicionais, são expropriadas para dar lugar a segundas residências, grandes *resorts*, cadeias hoteleiras, restaurantes e demais equipamentos turísticos. Esse fato faz do turismo uma das práticas, atualmente, que mais interfere no espaço, agindo de maneira (des/re)territorializadora, produzindo novas configurações geográficas (CORIOLANO, 2006).

A inserção da atividade turística nessas áreas e a urbanização turística contribuem significativamente para o crescimento da ocupação de territórios nos espaços de praias (FERNANDES, 2008) e para a presença de trabalhadores exercendo diferentes atividades, com distintos anseios. No entanto os trabalhos informais e a falta de infraestrutura adequada acarretam a desorganização nas praias, principalmente em alta temporada, em que barraqueiros, proprietários de quiosques e ambulantes competem por espaços na extensão da areia e da orla, de maneira desordenada (FERNANDES, 2008).

De um modo geral, ao observar os espaços apropriados pelo e para o turismo, (re)produzidos pelos agentes sociais (FRATUCCI, 2014), é possível afirmar que as praias apresentam distintos processos de apropriação espacial resultado de diferentes interesses e percepções de indivíduos, grupos ou instituições (COSTA, 2015). Em outras palavras, seriam *esses espaços de multiusos* que a Cartilha de Orientações do Ministério do Turismo cita e os múltiplos usos da água, defendidos por Mendonça, Moraes e Costa (2013). A presença de distintas territorialidades, ou seja, multiterritorialidades gerando multiplicidade de funções coexistindo no mesmo território (HAESBAERT, 2004) é recorrente em espaços litorâneos, o que os torna complexos.

Os diferentes agentes que usufruem das praias configuram variadas lógicas de territorialização que, em grande parte, são orientadas pelo modo neoliberal de produção hegemônico. Os governos atuam em conjunto com os agentes do mercado, ordenando os territórios tendo em vista necessidades, lógicas e interesses para a reprodução do capital. Tratam os turistas como clientes (consumidores), enquanto os trabalhadores são vistos apenas como oferta de mão de obra a ser apropriada conforme diretrizes e condições do capital (FRATUCCI, 2008).

Em diversos ambientes litorâneos, as imediações das praias são locais de moradia ou hospedagem para um fragmento da sociedade de alto poder aquisitivo, como empresários (agentes do mercado) e trabalhadores mais bem qualificados (e, portanto, mais bem remunerados). A maioria dos trabalhadores com baixo poder aquisitivo territorializa-se em bairros de periferia e distantes, onde trabalham, ou até mesmo em outras cidades (ALVES; GARCIA, 2012; FRATUCCI, 2008).

### **3. O município de Arraial do Cabo, RJ**

O município de Arraial do Cabo, localizado no estado do Rio de Janeiro (Figura 1), tem área terrestre de 160km<sup>2</sup> onde vivem cerca de trinta mil habitantes (IBGE, 2018). Está a 160km da capital do estado e localiza-se na mesorregião de governo das baixadas litorâneas que englobam a microrregião dos lagos. No âmbito do turismo, pertence à região turística da Costa do Sol, também conhecida como região dos lagos.

**Figura 1. Mapa de localização do município de Arraial do Cabo no estado do RJ**



Fonte: Adaptado da Fundação CEPERJ — Mapa do estado do Rio de Janeiro/regiões de governo e municípios/2014

O município tem sua história composta por períodos econômicos específicos que afetaram e afetam a sociedade como um todo. De um modo geral, são eles: a pesca, o período de construção, funcionamento e decadência da Alcalis (Companhia Nacional de Alcalis — CNA) e fenômeno do turismo. Vale lembrar que são acontecimentos que não ocorreram de maneira isolada e que geraram relevantes fluxos migratórios de mão de obra.

Até meados da década de 1950, a pesca constituía a principal fonte de renda e reprodução social da população cabista (gentílico de Arraial do Cabo). Com a instalação da Alcalis, a indústria passou a ser a principal atividade econômica responsável pela geração de emprego e renda dos moradores locais, além da pesca. Nesse momento, Arraial do Cabo, de uma pequena colônia de pescadores, transformara-se em um espaço da ideologia desenvolvimentista, ao configurar-se como um possível “empório de produtos alcalinos” (PEREIRA, 2009, p. 188). A inauguração da vila operária ocorreu em 1961, mas a ocupação em torno da área da fábrica deu-se de forma desordenada, por conta da vinda de pessoas de outras cidades. Os migrantes e imigrantes eram, em sua maioria, cabo-frienses, fluminenses (majoritariamente do noroeste fluminense), cariocas, nordestinos (a maioria do Rio Grande do Norte, onde havia uma unidade da CNA) e

franceses que rumaram para a cidade para montar e trabalhar na fábrica (RIBEIRO; GRANATO, 2011; PEREIRA, 2009). Com o encerramento da operação da fábrica em 2006, muitos ex-funcionários voltaram-se inteiramente para a pesca, que já se encontrava em declínio (CARNEIRO *et al.*, 2012 *apud* MENDONÇA, MORAES e COSTA, 2013), e também para o setor de serviços, muitos com relação direta com o turismo, como a atividade dos passeios de barco.

Em 1974, com a construção da ponte Rio-Niterói, o deslocamento dos moradores da região metropolitana do Rio de Janeiro para o litoral norte do estado foi estimulado (MENDONÇA, MORAES e COSTA, 2013), e foi nesse momento que, em Arraial do Cabo, o turismo de veraneio foi impulsionado no território. Além da proximidade com importantes cidades turísticas do entorno, Cabo Frio (10km) e Armação de Búzios (29km), o que faz receber muitos excursionistas (FERNANDES, 2013), as características naturais de Arraial do Cabo são um dos fatores mais representativos para essa atratividade. As temperaturas são estáveis, graças ao clima tropical litorâneo com muito vento. A fauna marinha é abundante, decorrente da ressurgência, fenômeno oceanográfico que consiste na subida de águas profundas, muitas vezes ricas em nutrientes, para regiões menos profundas dos oceanos, fertilizando as águas superficiais e criando uma rica cadeia alimentar (CARNEIRO *et al.*, 2012 *apud* MENDONÇA, MORAES e COSTA, 2013), o que torna as águas mais atraentes para a prática do mergulho, transformando o local na capital do mergulho do estado do Rio de Janeiro, com base na Lei Estadual do Rio de Janeiro n.º 6.754 de 15 de abril de 2014.

Segundo dados coletados na Secretaria de Turismo do município, as principais atividades econômicas de Arraial do Cabo, atualmente, são a pesca, a atividade portuária e o turismo. A relevância do turismo para o município é nítida, em razão do grande fluxo de visitantes que recebe em cada temporada e dos feriados prolongados. Ainda que o município não disponha de um estudo aprofundado sobre o efeito multiplicador do turismo em sua cadeia produtiva, o aumento da quantidade de pessoas na cidade nessas datas é visivelmente percebido, em razão do fluxo que altera profundamente a paisagem local.

Apesar dessa potencialidade, com base em uma revisão bibliográfica sobre o município, é possível perceber que Arraial do Cabo ainda é pouco estudado no contexto do fenômeno turístico e não dispõe ainda de um estudo específico sobre seus trabalhadores. Essa última constatação estende-se aos estudos do turismo em geral, tendo em vista que essa área de conhecimento ainda carece de pesquisas voltadas para esses agentes. A maioria dos trabalhos encontrados sobre Arraial do Cabo que aborda o turismo revela um recorte regional, como o de Fonseca (2011) que trata do turismo e a divisão territorial do trabalho da Costa do Sol, o de Fernandes (2013) sobre a mobilidade turística na região das baixadas litorâneas e o de Fratucci (2000) sobre o ordenamento territorial do Rio de Janeiro, a partir da comparação dos processos de turistificação de Arraial do Cabo e Armação de Búzios, como lugares turísticos inseridos em um território-rede mais amplo. Outros trabalhos relevantes debruçaram-se sobre a Álcalis (PEREIRA, 2009; RIBEIRO;

GRANATO, 2011) e sobre a questão da pesca (MENDONÇA, VALLE e COUTINHO, 2010) e do turismo (MENDONÇA, MORAES e COSTA, 2013). Contudo, no que tange a trabalhos nas áreas da biologia, principalmente marinha, e da geologia, observam-se incontáveis publicações nacionais e internacionais, muito por conta da riqueza marinha.

Apresentado o contexto em que Arraial do Cabo vive atualmente e alguns apontamentos sobre seus processos históricos, é pertinente destacar alguns registros sobre o método e as técnicas de pesquisa, para então aprofundar a discussão dos resultados.

## **5. Metodologia**

A metodologia de pesquisa constituiu-se em exploratória, de caráter qualitativo, com o objetivo de familiarizar-se com o fenômeno investigado. Utilizou-se a técnica de aplicação de formulários semiestruturados *in loco*, com perguntas abertas e fechadas, uma vez que possibilitam maior flexibilidade na coleta das informações, permitindo reconstruir e adaptar eventuais indagações que surgissem no decorrer da entrevista (VEAL, 2011).

Os dados e as informações que aqui se apresentam são recortes de uma pesquisa maior cujo objetivo geral foi descobrir os processos de apropriação espacial de moradores e visitantes presentes na praia dos Anjos e na praia Grande — município de Arraial do Cabo. Os formulários da pesquisa anterior continham quatro partes principais: informações sobre locais de residência, hábitos em relação às praias, avaliações e percepções sobre o turismo na localidade e perfil socioeconômico do entrevistado. Paralelamente, também foi utilizada a técnica de observação sistemática, em que se analisaram as infraestruturas de locais, equipamentos, atrativos turísticos, rotinas e hábitos dos frequentadores, registrados no diário de campo. Para a tabulação, as respostas dos formulários foram transcritas para a ferramenta *on-line* Qualtrics, facilitando a análise dos dados (COSTA, 2015).

Entre as mais de dez praias existentes em Arraial do Cabo, a pesquisa de campo teve como foco a análise de duas delas: praia dos Anjos e praia Grande (Figura 2) que foram escolhidas por serem as duas principais praias do município, por receberem um significativo fluxo de pessoas e por estarem em locais de fácil acesso na área urbana. Essas praias tiveram as orlas recentemente reurbanizadas e fazem parte diretamente da história da localidade, além de extremamente relevantes para a construção da identidade dos moradores dos bairros e da formação espacial. As entrevistas foram realizadas durante sete dias de janeiro de 2015, alternando-se entre dias da semana e finais de semana, evitando-se, assim, um possível vício amostral.

**Figura 2. Imagem de localização da praia Grande e da praia dos Anjos, Arraial do Cabo/RJ**



**Fonte:** Adaptada de Google Maps.

A amostra total (visitantes e moradores) foi de 117 entrevistados, sendo 53 moradores locais, dos quais cerca de 70% declararam que estavam a trabalho (COSTA, 2015), ou seja, 36 trabalhadores, resultado que estimulou um novo olhar e, com ele, novas inquietações sobre temas ainda pouco estudados.

Para a definição do recorte focado nos trabalhadores, utilizou-se, como filtro, a opção *sim* na variável *Você trabalha nesta praia?*, nos resultados da pesquisa com moradores e visitantes, descrita anteriormente. Para destacar aspectos relevantes sobre os territórios dos trabalhadores presentes às praias em relação ao fenômeno do turismo de Arraial do Cabo, optou-se pelo cruzamento de outras variáveis mais pertinentes para tal abordagem, além de relatos das observações sistemáticas no local e de conversas informais com alguns entrevistados e outras pesquisas realizadas anteriormente sobre os agentes sociais e as localidades.

Tendo em vista o número reduzido de entrevistas consideradas para o presente recorte não foi possível realizar generalizações sobre a totalidade dos trabalhadores das praias de Arraial do Cabo. Além disso, destaca-se que tais configurações territoriais são retratos do momento da coleta de campo, uma vez que toda pesquisa desse tipo é datada de um recorte no tempo; portanto as dinâmicas espaço-temporais

modificam-se no decurso de meses e anos, resultando em processos de territorialização complexos. No entanto evidências e fatos permitem o desenvolvimento de questões, sobretudo para ampliar o debate.

Na análise, levou-se em consideração a realidade multiterritorial e seus aspectos simbólicos e funcionais, com base em uma análise dialógica, uma vez que tal método propõe unir duas noções antagônicas que, aparentemente, deveriam repelir-se, mas que são indissociáveis e imprescindíveis para a compreensão (MORIN, 2005). Essa proposição metodológica permite abarcar a complexidade do fenômeno do turismo, uma vez que exige posturas metodológicas mais atentas que não neguem contradições e incertezas da realidade e sejam capazes de apreender a complexidade do real.

## **6. Os trabalhadores das praias de Arraial do Cabo/RJ**

Os trabalhadores entrevistados presentes às praias estavam divididos basicamente em: vendedores ambulantes, donos ou empregados dos quiosques, pescadores e funcionários da Prefeitura Municipal. Além dessas quatro categorias de trabalhadores, foram identificados também guarda-vidas e pessoas que trabalhavam com passeios de barcos (barqueiros), porém suas participações na amostra não foram significativas, ainda que essas atividades sejam de grande importância para a dinâmica das praias.

As (multi)territorialidades das praias de Arraial do Cabo mostraram-se complexas, pois os trabalhadores eram vinculados, direta e indiretamente, com a atividade turística, ou não tinham nenhuma relação com o turismo, a princípio. Desse modo, entendendo o turismo como uma prática social que tem alto poder de re/desterritorializar o espaço apropriado, suas dinâmicas afetam não somente indivíduos ou grupos que estão diretamente relacionados com o fenômeno, mas também influenciam agentes sociais não diretamente relacionados. Portanto analisar o espaço em que todos estão inseridos e levar em consideração os processos de territorialização mostra-se importante e complementar.

Vendedores ambulantes e trabalhadores dos quiosques são o que se pode chamar de trabalhadores do turismo, pois realizam funções que estão diretamente ligadas à atividade (FRATUCCI, 2008). De um modo geral, o trabalho no turismo caracteriza-se pelas operações realizadas na prestação de serviços de apoio aos turistas. No entanto existe uma dificuldade para realizar uma análise específica dos empregos em atividades turísticas, pois os serviços não são oferecidos exclusivamente aos turistas (MELIANI, 2011).

Nesse caso, percebe-se que as funções de ambulantes e trabalhadores dos quiosques estão relacionadas com serviços prestados aos frequentadores das praias que, por ser um atrativo turístico de uso intenso, é bastante frequentada por visitantes; por isso convém chamá-los de trabalhadores do turismo. Além disso, ao observar as dinâmicas territoriais desses dois grupos é possível perceber algumas similaridades e características do trabalho no turismo, como a informalidade e a influência que a

sazonalidade turística tem sobre as rotinas de trabalho, acarretando, por vezes, precariedade (MELIANI, 2011) nas atividades.

A maioria desse grupo tornou-se presente na amostra apurada (24 entrevistados — 11 ambulantes e 13 trabalhadores nos quiosques), cuja grande parte é nascida no local ou moradora em Arraial do Cabo há mais de dez anos. A relação entre gênero ficou dividida igualmente, com leve predominância para o gênero feminino nas atividades realizadas em quiosques. Há baixas escolaridade e renda, uma vez que a maioria tem ensino fundamental completo e 43% ganha entre um e dois salários mínimos.

Duas variáveis interessantes sobre as percepções dos dois grupos acerca das praias e o uso pelo turismo podem ser construídas com base nas respostas dadas após as perguntas sobre se *gostam da praia muito cheia* e, caso o *número de pessoas nas praias aumentar, se o local poderá ser prejudicado*. A grande maioria afirmou que, como trabalhador, *quanto mais gente melhor*; mas, quando frequenta a praia a lazer, prefere-a mais vazia, porque os turistas deixam muito lixo na areia e na orla. Por outro lado, todos concordaram que, se o número de pessoas continuar crescendo, Arraial do Cabo e suas praias poderão sofrer alguns efeitos negativos a longo prazo.

A maioria dos vendedores ambulantes afirmou que se deslocam basicamente pela faixa de areia, em que os serviços dos quiosques por vezes não chegam, além de venderem produtos diferentes dos quiosques. Muitos afirmaram que trabalhavam nas praias por falta de opção na época em que procuravam o primeiro emprego, e, hoje em dia, é a única coisa que sabem fazer. Característica que se confirma em Dantas (2005, p. 6), ao afirmar que, nos países em desenvolvimento, o comércio ambulante insere-se nos espaços das cidades, basicamente “pela falta de oportunidades em outras atividades, devido ao processo de modernização implementado na indústria ser poupador de mão de obra e, conseqüentemente, gerador do subemprego e do desemprego”.

Ouriques (2005), ao discorrer sobre os vendedores ambulantes e a relação com espaços litorâneos, afirma que, para eles, todas as praias que percorrem são iguais porque eles não se reconhecem como usuários daquele mundo de entretenimento e lazer. A presença do turista confirma a condição de estranhos naquele mundo lúdico de que não podem usufruir, reforçando a impossibilidade de viver como sujeito consumidor daqueles lugares. Baseando-se nessas afirmações, pode-se inferir que, de um modo geral, nos processos de territorialização dos vendedores ambulantes ocorre um enfraquecimento da dimensão simbólica (afetiva, identitária) com as praias, restringindo-se somente à relação funcional — fato também percebido nas praias estudadas de Arraial do Cabo.

Porém é necessário destacar que essa dicotomia em Arraial do Cabo não se mostra muito polarizada, como disserta Ouriques (2005), uma vez que grande parte dos vendedores ambulantes à beira-mar afirmou que escolheu a praia em questão para trabalhar pela proximidade com a residência e porque já a frequentava, muitas vezes, desde a infância e a adolescência. A fala de um entrevistado demonstra mais

nitidamente essa relação quando afirma que “[...] sempre vendi picolé aqui porque é perto de casa e, quando mais novo, vinha mais para brincar. Não ia para a Prainha vender. Muito longe”.

Por essa razão, sua relação com a praia não se pauta somente pelo distanciamento simbólico, visto que seu passado como frequentador aproxima-os. Na contramão desse movimento territorializador de caráter simbólico, tal vendedor ambulante encontra-se em uma posição vulnerável nas relações de poderes trabalhistas e sociais, muito por conta da má remuneração, informalidade, condições de trabalho, por vezes precárias e inseridas na ilegalidade, além da dependência dos fluxos sazonais da atividade turística. Esse caminho leva-o a processos de desterritorialização em seu sentido simbólico, e, ao reterritorializar-se, sua lógica funcional amplia-se.

O fato de esses trabalhadores residirem perto das praias vai de encontro com afirmações sobre a segregação urbana dos ambientes litorâneos, movimento que os empurram para as periferias (ALVES; GARCIA, 2012; FRATUCCI, 2008). Nesse caso, entende-se que a realidade de Arraial do Cabo é muito diferente das grandes cidades e metrópoles, uma vez que sua dimensão territorial reduzida e seus bairros são muito próximos e parecidos. Por isso a segregação periferia/centro, característica muito presente em centros urbanos, não se evidencia no município estudado com base nesse ponto de vista. Por esse motivo, de uma forma geral, é necessário atentar sobre as peculiaridades que cada objeto de estudo revela, mais especificamente sobre como cada município se configura, tanto na dimensão territorial, quanto no processo de ocupação urbana.

Proprietários e empregados dos quiosques também apresentaram os mesmos discursos sobre a falta de mais oportunidades e a proximidade da praia com a residência, porém suas relações com o espaço à beira-mar eram um pouco diferentes, principalmente em razão da recente reurbanização da orla.

Esses trabalhadores tiveram rotinas e hábitos modificados pela alteração da paisagem gerada pelo processo de reurbanização recente. Na praia Grande, a proprietária de um quiosque explanou sobre a mudança de sua visão no que diz respeito à praia e aos banhistas, com o deslocamento dos quiosques da faixa de areia para a orla (calçadão). Disse que a relação com os banhistas mudou, pois os trabalhadores não descem mais para atender os clientes na areia. A areia agora é reservada só para os banhistas, para tomar banho de mar e divertir-se, e são eles que se deslocam até os quiosques na orla. Nesse sentido, percebe-se que o deslocamento dos quiosques não só resultou na alteração da paisagem, mas também promoveu uma mudança na apropriação da praia/areia por parte dos agentes sociais ali presentes.

Na praia dos Anjos, a reurbanização dos quiosques foi amplamente criticada. As estruturas não eram condizentes com o volume de produção de alimentos e prestação de serviços, além da recorrente falta de água e higiene. Para esse grupo, as questões das formas (físicas) dos quiosques e das orlas estão diretamente relacionadas com as atividades laborais, influenciando tanto positiva, quanto negativamente. A questão de funcionamento e manutenção das estruturas das orlas está ligada aos funcionários da Prefeitura,

trabalhadores que, a princípio, não têm relação com o turismo — questão que será desenvolvida mais adiante.

Os trabalhadores sofrem com a desorganização espacial por dependerem da manutenção de seus quiosques pelo Poder Público, porém, ao mesmo tempo, parecem atuar como agentes dessa desorganização, pois realizam uma competição por espaços na areia para colocar suas barracas de sol, cadeiras e mesas, com a finalidade de serem alugadas para os frequentadores. Em concordância com essa realidade, Fernandes (2008) adiciona que a apropriação dos espaços públicos pelos trabalhadores informais fazendo dali seus territórios (também os ambulantes) e restabelecendo novas ordens social, econômica, ambiental e política deriva do descaso das políticas públicas que permitem o aumento da taxa de desemprego e não fornecem qualificação profissional para que esse trabalhador reinsira-se no mercado formal de trabalho, fato que também foi amplamente criticado pelos entrevistados em Arraial do Cabo. Segundo Fernandes (2008, p. 86), “os trabalhadores do setor informal, ao apropriarem-se desses espaços, criam um cenário geográfico/espacial e econômico comum e específico a todos os outros e com o mesmo fim”.

Sobre os pescadores e funcionários da Prefeitura das praias de Arraial do Cabo, em um primeiro momento, são destacados como trabalhadores que não apresentam relação com o turismo. Todavia, ao observar a cadeia produtiva do turismo (FRATUCCI, 2008), pode-se afirmar que, em alguns casos, eles podem ser entendidos como trabalhadores indiretos do turismo, o que, de certa maneira, mantém alguma vinculação com o setor.

Diferentemente dos trabalhadores diretos, esses dois grupos de trabalhadores constituíram-se por somente quatro entrevistados cada e seus resultados acerca do perfil socioeconômico não se demonstraram com um padrão relevante. Daí seria mais condizente seguir com os processos de apropriação e de percepção de cada um dos dois separadamente.

Os pescadores entrevistados estavam, a maioria, na orla, conversando com outros pescadores e só iam ao mar em um determinado período do dia. Nos momentos em que permaneciam na orla, eles não encaravam como *trabalho* nem como *lazer*; ao serem perguntados se frequentavam a praia para lazer, todos afirmaram que não, por não fazer muito sentido ir à praia em outro momento, uma vez que cresceram na praia e já passavam o dia, ali, trabalhando. Nesse contexto, para eles, a praia era o espaço vivido (LEFEBVRE, 2006) no cotidiano, território simbólico.

A percepção sobre os impactos do turismo no município, observados por um pescador entrevistado, diferenciava-se da dos ambulantes e trabalhadores dos quiosques, pois ressaltava a mudança acarretada pela urbanização turística no decurso dos anos: “Hoje tem muito mais edifício, e a expansão da areia diminuiu porque os prédios novos fizeram com que o vento mudasse”.

Segundo Mendonça, Moraes e Costa (2013), as novas configurações do espaço litorâneo do município de Arraial do Cabo, ocupado antes somente por pescadores, com seus barcos e apetrechos para a

pesca, atualmente são divididas com turistas, barraqueiros, empresas de aluguel de barcos para passeio, banana *boats* e demais serviços turísticos, como a prática de mergulho. Segundo os autores, a atividade turística em Arraial do Cabo fez com que muitos pescadores deixassem a profissão e passassem a trabalhar em empreendimentos turísticos ou em ocupações relacionadas com a atividade portuária.

No entanto, ainda que essa atividade esteja perdendo lugar para o turismo e para a atividade portuária, a pesca, no município, continua tendo importância econômico-social significativa no município. A prática da pesca, o comércio do pescado e o desenvolvimento de atividades que agregam valores econômicos têm contribuído para o aumento da renda na cidade e na região, evitando que famílias de pescadores migrem para outras localidades, em busca de empregos e melhores condições de vida (MENDONÇA, VALLE e COUTINHO, 2010).

Se no âmbito do mar os pescadores não apresentem nenhuma relação direta com o turismo, ainda que sejam afetados diretamente pela atividade do turismo náutico no âmbito da RESEX (FABIANO, 2011), ao analisar a cadeia produtiva da pesca no município, pode-se afirmar que é provável que a atividade turística, em restaurantes, hotéis, bares e segundas residências fomenta, de maneira relevante, o consumo do pescado em Arraial do Cabo. Essa afirmação confirma-se, segundo Mendonça, Valle e Coutinho (2010), porque o consumidor do pescado de Arraial do Cabo divide-se em dois grupos: os que compram o produto *in natura* para o consumo doméstico e os que o consomem em restaurantes, hotéis e bares.

Já os funcionários da Prefeitura Municipal entrevistados estavam presentes nas orlas para manutenção das infraestruturas dos quiosques com base em orientações estabelecidas previamente pelos supervisores. No entanto suas presenças só foram registradas na praia Grande, com maior apelo turístico e, visivelmente, mais bem mantida do que a praia dos Anjos.

A relação com o turismo, à primeira vista, parece distante, porém, ao observar a relação de seus serviços com os trabalhadores dos quiosques, os funcionários da Prefeitura têm uma função muito relevante no funcionamento da atividade turística, uma vez que são os responsáveis por permitir o bom funcionamento das estruturas. Dada essa relação laboral e suas funções, as percepções desses funcionários relacionaram-se mais com a estrutura física das orlas, como a ocorrência da depredação de bancos e lixeiras e de reformas dos quiosques.

São os únicos trabalhadores predominantemente formais e, por estarem vinculados diretamente ao Poder Público municipal, são confundidos com agentes de tal poder. Além disso, muitos funcionários da Prefeitura declararam-se também pescadores, pois exerciam essa função concomitantemente. Essas observações despertam o olhar para as possíveis mudanças de papéis que esses indivíduos podem ter, uma vez que os trabalhadores desenvolvam duas ou mais atividades, gerando diferentes funções intrínsecas a ele.

Tal realidade pode ser entendida como encaixe de múltiplos territórios articulados de maneira flexível, por parte de um mesmo indivíduo, tendo em vista que o espaço é composto por multiterritorialidades (HAESBAERT, 2004), uma vez que é apropriado por diferentes indivíduos que nele constroem seus territórios, no caso os territórios do turismo, como discorre Fratucci (2014).

Analisando essa mobilidade de papéis, Martoni (2012) afirma que os representantes do capital, ao serem expostos à lógica da concorrência, podem, eventualmente, deixar esse posto, assim como os integrantes da classe trabalhadora podem vir a representar o capital, dependendo de fatores condicionantes e determinantes de uma dada configuração socioeconômica. Martoni (2012, p. 64) recorre a Marx (2001), ao afirmar que o sistema capitalista depende dessa separação que reproduz “o assalariado como assalariado” e produz “uma superpopulação relativa de assalariados” para o trabalho produtivo.

Outra questão que chama a atenção sobre as discussões do trabalhador é a mudança de papéis no decurso do tempo. Esse tópico despertou-se por conta de uma entrevista de um senhor que mora no município, na praia dos Anjos. Ele estava sentado em uma cadeira, que tinha levado, perto de um quiosque fechado e observava a movimentação na areia. Ao ser abordado, comentou que tinha sido vendedor ambulante de pipas, por muitos anos, na praia, porém, hoje em dia, não tinha mais capacidade física para exercer a atividade; então, ia à praia, à tarde, para lembrar, observar as pessoas e conversar com amigos, pois tinha saudades da praia e da rotina: “Sempre vim nesta praia criança. Quando mais velho, precisava de dinheiro e comecei a vender pipa aqui. Agora mais velho, venho sentar aqui em cima (na orla) para lembrar aquele tempo bom”.

Com base nesse relato, percebe-se que a relação desse morador com a praia, atualmente, é pautada em aspectos do lazer, por não exercer mais a atividade de trabalho, ou seja, hoje, seu território é predominantemente de caráter simbólico. Porém sua territorialidade, no decurso do tempo, mostra-se mais híbrida, visto que, ao exercer uma atividade laboral (no passado), com apropriação de territórios funcionais, sua relação também pode ter sido de pertencimento pautado na imaterialidade das relações que desempenhou naquele local, o que enfatiza o caráter simbólico dessa apropriação. O saudosismo, presente em seu discurso, exalta o caráter de pertencimento e permanência do indivíduo no espaço, e essa realidade, aos olhos do jogo contemporâneo dos processos de destruição e reconstrução territorial — a dimensão simbólica —, adquire um papel fundamental, segundo Haesbaert (2014), por vezes de resistência.

Ao analisarem-se os dados referentes a todos os trabalhadores entrevistados, independentemente do tipo de atividade que exercem, a maioria afirmou que só trabalha em alta temporada, em quiosques da família e, no resto do ano, tira o sustento da pesca, do comércio no centro da cidade ou nem trabalha, dado que o dinheiro recebido nos meses de alta temporada é suficiente para a manutenção em outros meses. Quando há trabalho em baixa temporada, geralmente nos finais e semana e feriados, essa sazonalidade é

característica de localidades com predominância de atrativos naturais, especialmente praias, tendo em vista as épocas do ano mais propícias para frequência.

Sobre os trabalhadores no geral, constatou-se que nem todos os entrevistados eram moradores do município de Arraial do Cabo. Mas esse grupo não foi diferenciado pelo fato de a amostra coletada não permitir generalizações. Ainda que essa porcentagem tenha sido bastante pequena (3%), ela alerta para a necessidade de maior atenção em futuras pesquisas na localidade, no sentido de buscar compreender e mapear a procedência da mão de obra, pois ela pode ser composta por moradores de municípios vizinhos e até de outros estados, que migram especialmente nos períodos de verão (OURIQUES, 2005). Estudar os movimentos pendulares diários desses trabalhadores parece ser uma forma de entender esses fluxos e as dinâmicas espaciais, uma vez que tais deslocamentos são os fluxos de ida e volta de trabalhadores, de locais onde moram para onde trabalham (e vice-versa), podendo ocorrer entre municípios distintos, mas também entre áreas periféricas e áreas centrais de um único tecido urbano inserido em um só município (PERPETUA, 2010).

## **7. Considerações finais**

As praias têm peculiaridades e apresentam fluxo significativo de pessoas com diferentes motivações por terem, em geral, em um espaço físico grande, opções para descanso, diversão e prática de esportes. Essa complexidade também aumenta quando esse espaço é apropriado para o turismo, após a chegada dos agentes sociais produtores e da urbanização turística.

O turismo, como fenômeno socioespacial, não está por si só agindo nas localidades, mas sim pelas ações dos agentes sociais. O território, como categoria de análise geográfica, permite uma melhor compreensão desse jogo de ações dos agentes no sistema em que estão inseridos, uma vez que o território do turismo é composto pelos territórios dos agentes envolvidos, incluindo, assim, os trabalhadores e compondo a realidade multiterritorial.

No presente trabalho, com base em pesquisa realizada em duas praias de Arraial do Cabo, apresentaram-se diferentes categorias laborais e questões sobre os territórios, levando-se em consideração a praia (areia e orla), local onde a atividade turística tem forte expressão. Além da apresentação das atividades de cada grupo, procurou-se contribuir também para as discussões dos trabalhadores a partir do território turístico; assim, foi possível entender todos os envolvidos e afetados, isto é, os agentes diretos, indiretos e os que a princípio não têm relação alguma, mas são influenciados e influenciam o fenômeno. Dado isso, foi ressaltada a importância de não restringir a visão do turismo somente como atividade econômica, mas entender que está interligada diretamente com o fenômeno socioespacial.

As categorias de trabalho observadas foram: ambulantes, proprietários/empregados dos quiosques, pescadores e funcionários da Prefeitura. Cada um com suas territorialidades específicas, influenciadas de forma direta ou indireta pelo turismo. As configurações territoriais das praias de Arraial do Cabo são apresentadas de maneira multidimensional (simbólica e funcional), fundamentas em uma concepção de multiplicidade, tanto na perspectiva simplesmente da convivência dos diversos tipos de território, quanto na construção da multiterritorialidade, ainda que em escala reduzida — escala local.

Mesmo à primeira vista, a territorialização do trabalhador fundamentalmente funcional, ao deslocar o olhar para o indivíduo e seus processos de territorialização mais detalhados, não se pode negar a dimensão simbólica, por menor que seja. É necessário relativizar e distanciar-se de afirmações que perpassam somente pelo senso comum e, por vezes, são entendidas como óbvias no que tange aos efeitos negativos da atividade do turismo, sobretudo em relação ao trabalhador. Portanto as reproduções de discussões sem embasamento empírico ficam fragilizadas e superficiais, tendo em vista a complexidade que o fenômeno apresenta, ao entender que cada realidade mostra-se como única.

Como apresentado na seção destinada à metodologia, o número reduzido de entrevistas não permitiu a generalização das respostas sobre a totalidade dos trabalhadores das praias, principalmente no que se refere às variáveis relacionadas com o perfil socioeconômico. Em grande parte, isso se deu por não ser possível estimar o universo dos trabalhadores presentes às praias. Mas como a pesquisa é caracterizada como exploratória, com o objetivo de aproximação ao tema desenvolvido, tal limitação mostrou-se também como uma oportunidade de proporem-se questões e abordagens, instigadas durante a coleta de campo e a análise dos resultados, sobre o turismo em Arraial do Cabo e os trabalhadores da atividade.

Nesse sentido, interessante é destacar que tais categorias laborais descobertas na pesquisa são referentes ao período estudado — janeiro —, época de alta temporada turística. Acredita-se que elas não permaneçam iguais durante o ano, por causa das características da sazonalidade da demanda turística em destinos de sol e praia. Por isso, entre limitações e indicações de pesquisa, destaca-se a necessidade de realizar observações contínuas em outras épocas do ano. Além disso, é preciso também dedicar um olhar mais atento sobre os barqueiros, visto que os passeios de barco em Arraial do Cabo são de suma importância para a atividade turística local.

A pesquisa também serviu de alerta sobre trabalhadores que não eram moradores de Arraial do Cabo, instigando a reflexão sobre a relação que Arraial do Cabo tem com a região, como receptor de mão de obra advinda de outros municípios e como (possível) emissor. É preciso também entender em que região turística (ainda que não oficial) o município está inserido, com o intuito de entender se as políticas públicas locais e regionais estão coerentes com a realidade desses municípios. Essa questão sobressai tendo em vista que o descaso com a dimensão espacial na formulação das políticas públicas do País é histórica e, há

poucos anos, tenta-se estabelecer, ainda que de forma não muito eficiente, principalmente na delimitação das regiões turísticas.

A intenção de discutir sobre os trabalhadores do turismo não foi de somente defini-los como tal, ocasionando uma visão demasiada sistemática, mas chamar a atenção para a relação com o fenômeno, incluindo (também) o turismo como atividade econômica. Ao entender sobre a abrangência socioespacial que o turismo tem e a complexidade da cadeia produtiva, alguns apontamentos foram realizados, porém muitas questões não foram respondidas — De qual/quais turismo(s) se fala? Quem são os trabalhadores do turismo? Qual o lugar no fenômeno? E na atividade? Como se dá a mobilidade do trabalho no turismo?

## **8. Referências**

ALVES, Luciene A.; GARCIA, María F. Geografia da informalidade: trabalhadores informais ambulantes nas praias de João Pessoa, Paraíba. **Revista OKARA: Geografia em debate**, vol. 6, n.º 2, p. 263-272, 2012.

BRASIL — Ministério do Turismo. **Sol e praia: orientações básicas**. 2. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_de\\_Sol\\_e\\_Praia\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSO .pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Sol_e_Praia_Versxo_Final_IMPRESSO.pdf). Acesso em: 20 dez. 2017.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. In: \_\_\_\_\_. **América Latina: cidade, campo e turismo**. San Pablo: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, p. 367-378, 2006.

COSTA, Juliana C. **Os processos de apropriação espacial da praia dos Anjos e praia Grande pelos visitantes e moradores de Arraial do Cabo, RJ**. Trabalho de conclusão de curso da Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2015.

DANTAS, Eustógio W. C. Apropriação do espaço público pelo comércio ambulante: Fortaleza/Ceará-Brasil em evidência (1975-1995). **Geocrítica — Scripta Nova**. Revista Eletronica de Geografia y Ciencias Sociales, vol. 9, n.º 202, dez. 2005. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-202.htm>. Acesso em: 15 dez. 2017.

FABIANO, Celia Cristina L. **O turismo e a sua contribuição na manutenção e na preservação da pesca artesanal e da cultura tradicional na reserva extrativista marinha de Arraial do Cabo/RJ**. 153 f. 2008. Dissertação (Mestrado) — Universidade de Brasília, Centro de Excelência em Turismo, Mestrado Profissional em Turismo, Brasília (DF), 2008.

FERNANDES, Gilberto O. **Setor informal da economia e a dinâmica dos territórios nas praias da cidade do Natal/RN**. 308 f. 2008. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal (RN), 2008.

**OS TRABALHADORES DAS PRAIAS DE  
ARRAIAL DO CABO, RJ: UM OLHAR A  
PARTIR DO TERRITÓRIO TURÍSTICO**

Juliana Carneiro  
Aguinaldo Cesar Fratucci

FERNANDES, Ulisses S. A mobilidade turística na região das baixadas litorâneas (RJ). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, vol. 6, n.º 2, p. 518-533, maio/jul. 2013.

FONSECA, Maria Aparecida F. Turismo e divisão territorial do trabalho no polo Costa o Sol/RJ. **Revista Mercator**, Fortaleza, vol. 10, n.º 21, p. 121-132, jan./abr, 2011.

FRATUCCI, Aguinaldo. C. A **dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo**: as possibilidades das redes regionais de turismo. 308 f. 2008. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2008.

\_\_\_\_\_. **O ordenamento territorial da atividade turística no estado do Rio de Janeiro**: processos de inserção dos lugares turísticos nas redes do turismo. 177 f. 2000. Dissertação (Mestrado) — Curso de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2000.

\_\_\_\_\_. Turismo e território: relações e complexidades. **Caderno Virtual de Turismo**, vol. 14, supl. 1, p. 87-96, 2014.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014.

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Arraial do Cabo**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/arraial-do-cabo>. Acesso em: 2 fev. 2018.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). (Primeira versão: início — fev. 2006).

MARTONI, Rogério. M. Trabalho produtivo no turismo e as aventuras laborativas do “cortês trabalhador”. **Espaço & Geografia**, vol.15, n.º 1, p. 49-89, 2012.

MELIANI, Paulo Fernando. Análise socioespacial do trabalho na contemporaneidade: a precariedade e a distribuição da informalidade do trabalho no turismo do Brasil. In: **Encontro Baiano de Geografia**. 8. Vitória da Conquista, 2011. Disponível em: <http://www.uesb.br/eventos/ebg/anais/51.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

MENDONÇA, Fabrício M.; VALLE, Rogério; COUTINHO, Ricardo. A cadeia produtiva da pesca artesanal em Arraial do Cabo: análise e propostas de melhoria. In: **ENESEP**. 30. São Carlos/SP,

**OS TRABALHADORES DAS PRAIAS DE  
ARRAIAL DO CABO, RJ: UM OLHAR A  
PARTIR DO TERRITÓRIO TURÍSTICO**

Juliana Carneiro  
Aguinaldo Cesar Fratucci

Brasil, 2010. Disponível em:  
[http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2010\\_TN\\_STO\\_113\\_739\\_16523.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2010_TN_STO_113_739_16523.pdf). Acesso em: 20 dez. 2017.

MENDONÇA, Teresa Cristina M.; MORAES, Edilaine A de; COSTA, Maria Angélica M. Turismo e pesca nas reservas extrativistas marinhas de Arraial do Cabo (RJ) e da Prainha do Canto Verde (CE): possibilidades e limites de complementaridade. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, vol. 13, n.º 3, p. 372-390, dez. 2013.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

OURIQUES, Helton Ricardo. Turistas e trabalhadores de verão no litoral brasileiro. **Caderno Virtual de Turismo**. vol. 5, n.º 3, p. 45-48, 2005.

PEREIRA, Walter Luiz. **Cabo das tormentas e vagas da modernidade**: uma história da Companhia Nacional de Álcalis e de seus trabalhadores. Cabo Frio (1943/1964) Arraial do Cabo. Tese (Doutorado em História) — Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil, 2009.

PERPETUA, G. M. Movimentos pendulares e acumulação do capital. **Revista Pegada**, vol. 11, n.º 2, p. 132-155, 2010.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Claudia; GRANATO, Marcus. A patrimonialização do legado da Cia. Nacional de Álcalis, 2011. In: **Colóquio latino-americano sobre recuperação e preservação do patrimônio industrial**. 6. Disponível em:  
[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI\\_coloquio\\_t5\\_patrimonializacao\\_legado.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI_coloquio_t5_patrimonializacao_legado.pdf). Acesso em: 5 jan. 2017.

RODRIGUES, Adyr. B. Turismo e territorialidades plurais: lógicas excludentes ou solidariedade organizacional. In: \_\_\_\_\_. **América Latina**: cidade, campo e turismo. San Pablo: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006, p. 297-315.

VEAL, A. J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. São Paulo: Aleph, 2011.